

Machado e Bakhtin em diálogo: uma reflexão dos conceitos do filósofo russo em contos machadianos

*Machado and Bakhtin in dialogue: a reflection of the
russian philosopher's concepts in Machado de Assis
short story*

Islara Floriana Mendes¹

João Vianney Cavalcanti Nuto²

Resumo: O presente trabalho analisará dois contos de Machado de Assis, Um homem célebre e O alienista, através de alguns conceitos bakhtinianos como: ser-evento, singularidade, inacabamento. Para tanto, as teorias de Bakhtin, reacendem a discussão sobre o ser humano e contribui para problematizar a questão referente à condição humana por um viés que parece colocar os dois autores mencionados em concordância.

Palavras-chave: Literatura; Machado; Bakhtin; Inacabamento; Singularidade.

Abstract: This paper will analyze two short stories of Machado de Assis, A famous man and The alienist, through some bakhtinians concepts such as: being-event, singularity, incompleteness.

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: islaramendes@hotmail.com

² Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo – Brasil. Realizou Estágio Pós-doutoral em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo – Brasil. Professor Associado III da Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: litcult.unb@gmail.com

Therefore, the Bakhtin's theories, rekindle the discussion about the human being and contributes to this debate this question for a view putting both authors in agreement.

Keywords: Literature; Machado; Bakhtin; Incompleteness; Singularity.

1. Introdução

O presente trabalho é uma tentativa de compreender a obra do autor brasileiro Machado de Assis pelo viés proporcionado por Mikhail Bakhtin, pensador russo. Seus conceitos sobre a eventicidade do homem, seu caráter singular e ligações com a sátira menipeia parecem brotar dos escritos machadianos. Assim, o russo e o brasileiro encontram-se dialogicamente nas produções de Machado, seja pelo vislumbre do ser-evento seja pela alusão ao lucianismo (tema estudado também por Bakhtin) nos dizeres de Enylton de Sá (1989).

Para tanto, serão estudados os seguintes contos: Um homem célebre e O alienista. O primeiro relata a história de um compositor de polcas, música popular da época, chamado Pestana. O segundo trata do Dr. Simão Bacamarte, um médico reconhecido nacional e internacionalmente. Ambos os contos abordam, cada um a seu modo, situações da ambição humana que não cessa de desejar, há sempre um novo objetivo, uma nova meta a aspirar. Fato é que tanto Pestana quanto Bacamarte carregam em seu íntimo o anseio pelo futuro e suas conquistas, com o pensamento sempre no que ainda virá, naquilo que não possuem e, obcecadamente, almejam.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que o homem está constantemente à procura de algo e independente da sua especificidade tem como cerne a busca de si. Conforme o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2015), não há como pensar o homem como sendo acabado, pois uma das suas principais características é consistir em um ser-evento, ou seja, um ser em permanente metamorfose. Um dos autores brasileiros com grande preocupação em tratar dos temas relativos ao ser humano, suas inquietações e buscas é Joaquim Maria Machado de Assis.

As ciências reformularão nosso meio ambiente e o contexto de lazer ou subsistência no qual a cultura é viável. Contudo, embora tendo inesgotável fascinação e constante beleza, as ciências naturais e matemáticas só raramente são de interesse fundamental. Com isso quero dizer que acrescentaram pouco a nosso conhecimento ou controle das possibilidades humanas, que comprovadamente existe mais compreensão da questão do homem em Homero, Shakespeare, ou Dostoiévski do que em toda a neurologia ou a estatística. (STEINER, 1988, p. 24)

Em se tratando de clássicos como Shakespeare, Machado desempenha papel similar no cenário brasileiro. Seus escritos incansavelmente estudados abarcam o homem de diversas maneiras, retratando as aflições, relações de poder, caráter psicológico, escravidão, valores éticos, homens corrompidos, a vida social dentre tantos outros aspectos posto que “o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano” (BOSI, 2007, p. 11). Assim, essa também é a temática a ser desenvolvida ao longo deste texto pretendendo-se esmiuçar os conflitos do homem para consigo nos contos machadianos amparando as discussões por meio das teorias de Mikhail Bakhtin.

2. O célebre homem popular

O primeiro conto a ser analisado é: Um homem célebre. No referido conto, Pestana, personagem principal, compunha com notável facilidade e habilidade a polca, estilo de música mais popular e dançante da época, fazendo um grande sucesso nos bailes. Desde o título do conto a ironia machadiana está presente quando denomina célebre um homem fracassado, que alcança fama apenas com composições “menores”, sem caráter distinto. Era já reconhecido pelo sucesso, volta e meia era assediado pelos admiradores de suas composições sendo “[...] a obra em si mesma era adequada ao gênero, original, convidava a dançar e decorava-se depressa. Em oito dias, estava célebre” (ASSIS, 2013, p. 69).

Contudo, o músico nutria uma enorme frustração por nunca ter conseguido compor uma obra clássica imortal como as de Mozart, por exemplo. Não se contentava com o sucesso miúdo (a seu ver) e estava sempre em busca

de inspiração para sua obra clássica que nunca floresceu. Pestana não admitia seu sucesso direcionado às polcas e em muitos momentos se incomodava com isso, porém “[...]na composição recente e inédita circulava o sangue da paternidade e da vocação” (ASSIS, 2013, p. 68). O compositor, com vocação natural para um estilo musical diferente do que lhe agradava, permanece à procura daquilo que não possui em um contínuo ato de alcançar, para lembrar Bakhtin.

O músico não aceita bem a sua aptidão e passa a vida almejando glória e imortalidade de um trabalho limitado à imaginação e ao desejo. Seu desencanto profissional o acompanha até seu leito de morte de onde parte “[...] bem com os homens e mal consigo mesmo” (ASSIS, 2013, p. 76), evidenciando o insucesso em alcançar o seu intento em uma caça nunca, de fato, finalizada. Com isso, “pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 33).

Portanto, Pestana dificilmente seria reconhecido como músico clássico pelo público que o consagrou como compositor de polcas. Não basta a Pestana o seu conhecimento e gosto pela música erudita, é preciso também o reconhecimento dos outros, o olhar dos outros a alimentar sua vaidade. Se nos atentarmos para o fato de Pestana haver alcançado o sucesso mesmo com músicas populares, deparamo-nos com um paradoxo: o artista consagrado que busca consagração, riso da vida de aparências. Nisso, há uma ironia fina levando-nos a observar, por ex., que ao final da narrativa temos a descrição da morte nada nobre do homem que o título apresenta como célebre, remetendo-nos à sátira menipeia.

Além disso, a questão do inacabamento aparece quando Pestana deseja escrever uma nova música em homenagem à esposa, já falecida a esta altura, em ocasião de seu primeiro aniversário. A personagem passa meses gerando, ou tentando gerar, a composição, se perdendo entre arroubos de inspiração, que vem e vão rapidamente, e dão em nada. Pestana “tinha refeito muitas vezes a

obra; mas agora queria concluí-la fosse como fosse” (ASSIS, 2013, p. 74). No próprio fazer e refazer da música existe a incompletude da tarefa em si e também da própria personagem que se vê incapaz de produzir uma obra até mesmo para a esposa, enquanto suas polcas são obtidas com menor ou nenhum sacrifício.

No trecho acima citado, o músico esforçava-se para concluir a obra “fosse como fosse” demonstrando que da intenção de compor algo célebre passará ao intuito de compor, apenas. E, ainda assim, se constata inábil para cumprir tal empreitada. Uma das características de Machado de Assis é construir lacunas durante seus textos, deixando que o leitor as complete, sem impor uma verdade absoluta. Tais lacunas levam a recordar o inacabamento de Bakhtin não apenas no que diz respeito ao conceito de homem inacabado, mas também ao aspecto inconcluso dos trabalhos do próprio filósofo, pois como se sabe, muitos de seus textos foram publicados sem que tivessem sido de fato terminados.

O constante vir-a-ser do homem é assunto antigo em Bakhtin, que compreende o ser humano como sendo incompleto. Nesse sentido, o homem célebre e o homem do subsolo, de Dostoiévski, possuem muitas características em comum, dentre elas a do ser-evento em que não há como descrever o ser humano como delimitado, acabado. O homem do subsolo aborda em seus escritos as amarguras, os prazeres (por vezes estranhos), as indefinições e a volubilidade humana discutindo-os filosoficamente. No romance Memórias do subsolo temos uma personagem complexa, carregada de tormentos e desejos irrealizados convergindo com o homem célebre, que nos apresenta o seu descontentamento consigo mesmo.

É um ser deprimido com a vida que leva fazendo análises a respeito do homem e da condição de “[...] que ele próprio não passa de uma tecla de piano ou de um pedal de órgão [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 37). A personagem enxerga a espécie humana em posição de desvantagem em relação às leis da natureza, incapaz de controlar as próprias vontades e o destino não passando, assim, de uma *tecla de piano* obediente a estímulos exteriores. Machado parece concordar com Dostoiévski descrevendo os reveses de Pestana de modo que a personagem “ia andando, alucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição

e a vocação” (ASSIS, 2013, p. 72), como a confirmar o traço incerto dos sujeitos viventes, fadados a seguir a maré.

3. O médico alienado

No segundo conto de Machado, O alienista, há a narrativa de um médico conceituado que decide instalar uma clínica psiquiátrica na cidade de Itaguaí. Obcecado pelo trabalho e por descobrir novas teorias no campo da medicina, Bacamarte enfrenta alguns percalços pelo caminho. A personagem passa a internar muitas pessoas bem vistas pela sociedade sem sinal aparente de demência o que causa espanto geral. Além da crítica profunda à psiquiatria e aos métodos utilizados na época, existe também neste conto uma relação aproximada a Bakhtin.

Dr. Bacamarte cujo nome é respeitado dentro e fora do país ambiciona atingir um status ainda maior daquele que possui. Sua obsessão pelos estudos psiquiátricos aponta para a insatisfação, percebida também no conto anterior, em relação a notoriedade adquirida, buscando sempre mais. A personagem aqui está à procura, no intento de alcançar e, por essa razão, está incompleta, pois, Dr. Bacamarte chega a Itaguaí interessado em um novo laboratório para desenvolver suas também novas pesquisas.

Durante todo o conto o alienista persegue sua aspiração por realizar descobertas inovadoras, teoria após teoria, no vir a ser do homem em oscilação. Mesmo depois de ter encontrado a resposta para a loucura dos habitantes de Itaguaí e ver a Casa Verde esvaziar-se não fez o alienista regozijar-se por ter obtido êxito em seu trabalho. Ao contrário disso, o colocou em estado de ânimo para conhecer “enfim a última verdade”. Sua busca não cessa por não estar satisfeito em seu íntimo, em seu ser, por achar-se incompleto. Em concordância com as palavras de Dostoiévski em Memórias do subsolo, o ser humano “ama o ato de alcançar, mas, alcançar de fato, nem sempre” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 47).

Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. Plus ultra!

Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria. (ASSIS, 2000, p. 24)

O inacabamento do Simão Bacamarte surge não somente na investigação a qual se dedicava, mas também no que diz respeito ao rastreamento de possíveis loucos, quando ainda estava convencido da demência apresentada pela população da cidade de Itaguaí. Nesse caso, “a imagem externa pode ser vivenciada como uma imagem que conclui e esgota o outro, mas eu não a vivencio como algo que me esgota e me conclui” (BAKHTIN, 2015, p. 37). Para ele, alguns poucos casos de loucura não foram suficientes e, então, acreditava que pudessem haver mais e mais loucos misturados às pessoas sãs. Desse modo, a visão do Dr. Bacamarte poderia esgotar-se no diagnóstico dos pacientes como sendo ou não loucos e ponto final. Contudo, com relação a si não há conclusibilidade uma vez que Bacamarte ao encontrar as respostas procuradas passa a buscar novas perguntas.

[...] e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo. (ASSIS, 2000, p. 5)

A partir dessa ideia fixa, Simão Bacamarte passa a considerar loucos aqueles que apresentam honestidade, bondade, ou seja, são singulares em comparação ao comum nas pessoas do local. Ao menor sinal de distinção o sujeito era recolhido à Casa Verde, chegando, mais tarde, a não haver critério para a internação dos dementes, pois “se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde” (ASSIS, 2000, p. 19). Isto remete ao conceito de singularidade de Bakhtin, pois a personagem dá como loucos aqueles com hábitos, valores e ações que parecem estranhos ao médico. Aqui Machado ironiza a sociedade deturpada em valores e coloca em xeque os critérios utilizados para a internação e tratamento dos doentes mentais, uma vez que nessa época havia grande quantidade de manicômios e a medicina nesse campo era embrionária.

Contudo, pensar que pessoas dignas foram internadas na Casa Verde faz-nos notar que a estranheza consiste exatamente na especificidade humana, pois o homem é único em todos os aspectos. Portanto, diante de tantos seres singulares o alienista se sentia obrigado a tratar tudo que lhe afigurasse como fora do comum, ou seja, todas as pessoas da cidade, inclusive a si próprio. A visão de Bacamarte, ainda que falha ou estranha, rememora a visão excedente de Bakhtin, de onde podemos olhar para o todo do outro que é singular a partir da nossa própria unicidade.

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2015, p. 21)

Desde o início do conto de Machado de Assis, quando Simão expõe suas ideias e propostas de estudos, já revela indícios do possível desequilíbrio mental do alienista. Logo nas primeiras páginas as insinuações a respeito das ideias do psiquiatra surgem como presságios do seu fim como paciente. “A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência” (ASSIS, 2000, p. 2). E, ainda, o Padre Lopes, vigário da cidade, aconselhava a esposa do Simão “Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo” (ASSIS, 2000, p. 2). Essas afirmações vêm ao encontro do conceito de exotopia de Bakhtin em que o que diz respeito a nós chega à nossa consciência por meio da visão excedente do outro, podendo ser a visão do Padre Lopes uma visão mais aprofundada sobre Bacamarte que nem ele próprio teria se dado conta naquele momento.

[...] o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudarão; sua autêntica imagem externa pode ser vista e entendida apenas por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem outras. (BAKHTIN, 2015, p. 366)

Bakhtin, por meio do conceito de exotopia, demonstra a relevância do outro em nossa vida. Por sermos incompletos, possuímos uma visão também fragmentada de nós mesmos que só pode ser vivenciada em sua plenitude com o auxílio do outro, da visão excedente alcançada pelo nosso semelhante. Assim, o ser humano, em sua incompletude, precisa do olhar externo para se conhecer e contribuir para a criação dos outros seres humanos. É, por assim dizer, um compromisso ético por ser responsável pela criação de outro indivíduo. Nesse sentido, somos colaboradores indispensáveis uns aos outros confirmando uma vez mais o inacabamento do homem cuja lacuna não preenche sozinho. O olhar do que vem de fora é fundamental para compreender e construir a nós mesmos, por essa razão estamos em constante vir-a-ser, a fronteira do homem. Portanto, “ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 341).

O outro é o lugar da busca de sentido, mas também, simultaneamente, da incompletude e da provisoriedade. Essa perspectiva apresenta a condição de inacabamento permanente do sujeito, o vir-a-ser da condição do homem no mundo, assim como também denuncia a precária condição das teorias que buscam, através de uma linguagem instrumental, representar a totalidade da experiência do homem no mundo. (ALBUQUERQUE; SOUZA, 2012, p. 111)

As considerações de Dostoiévski e Machado sobre o homem como sendo uma tecla de piano e uma eterna peteca, respectivamente, condizem com a incapacidade do alienista em controlar sua vida, pesquisas e a si mesmo. Como uma peteca Simão oscilava de um lado a outro em busca da verdade absoluta para seus estudos, não passando de uma tecla de piano fadada à subordinação do externo, das leis da natureza. Esse aspecto coincide com a sátira menipeia que assim como as personagens referidas cambaleiam pela vida como petecas de um lado a outro, a sátira cambaleia pelos gêneros literários. No fim das contas, a procura aflitiva das personagens por seus objetivos incide em “[...] toda

a obra humana realmente consiste apenas em que o homem, a cada momento, demonstre a si mesmo que é um homem e não uma tecla!” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 44).

Mas é exatamente neste frígido e repugnante semidesespero, nesta semicrença, neste consciente enterrar-se vivo, por aflição, no subsolo, por quarenta anos; nesta situação intransponível criada com esforço e, apesar de tudo, um tanto duvidosa, em toda esta peçonha dos desejos insatisfeitos que penetraram no interior do ser; em toda esta febre de vacilações, das decisões tomadas para sempre e dos arrependimentos que tornam a surgir um instante depois, em tudo isto é que consiste o sumo daquele estranho prazer de que falei. (ASSIS, 2000, p. 25)

O homem do subsolo enterra-se vivo no subsolo da mesma forma que Simão Bacamarte enterra-se vivo em sua clínica psiquiátrica diante da inconclusividade das aspirações, nutrindo o semidesespero aliado ao prazer. Simão, o “ilustre alienista teve duas sensações contrárias, uma de gozo, outra de abatimento”, quando constata a necessidade de enterrar a si próprio por não possuir vícios ou valores corrompidos. No âmbito das decisões e arrependimentos que permeiam a existência humana, o homem do subsolo abre espaço para a compreensão da impossibilidade do ser humano de dominar e decidir, convergindo com as emoções finais do Simão Bacamarte.

Há uma contradição de sentimentos que se misturam, gozo e abatimento, pelo fato da personagem vislumbrar a instauração da razão em Itaguaí e ao mesmo tempo chegar a conclusão da necessidade da sua internação. E ainda assim, o que “neutralizou o primeiro efeito [do gozo]; foi a idéia da dúvida” reforçando uma vez mais o vir-a-ser do homem que não há como ser limitado até mesmo nas suas (in)certezas.

4. Considerações finais

Com base nas apreciações anteriores é possível constatar as confluências existentes entre o pensamento de Bakhtin, a tradição luciânica e a obra literária de Machado de Assis, as quais tornam a literatura machadiana

ainda mais instigante. O autor brasileiro instaura uma nova maneira de escrever tanto em comparação com suas primeiras obras quanto em comparação com os movimentos literários anteriores. Machado busca na tradição grega a inspiração necessária para surpreender o leitor atento com suas artimanhas literárias nada óbvias que estudadas através de Bakhtin e da sátira menipeia desvelam um pouco mais o autor brasileiro em questão.

Referências

ALBUQUERQUE, E. D. P. e; SOUZA, S. J. e. *A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana*. Bakhtiniana, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul./Dez. 2012.

ASSIS, Machado de. *Um homem célebre* in: Conto de escola e outras histórias curtas. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

ASSIS, Machado de.. *O alienista*. São Paulo: Ática, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, ed. 6ª, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. Tr. Bruno Monteiro. Lisboa: Deriva Editores, 2014.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: WMF, 2007

REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panaceia: machado de assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.